

DIAGNÓSTICO TARDIO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS E DESIGUALDADES NO ACESSO À SAÚDE MENTAL

*Amanda Carine Silva Santos **
*Gabriel Benjamim Araújo Andrade ***
*Hevilly Santos de Jesus ****
*Tayla Ariele Moraes dos Anjos *****
*Rafael Anunciação Oliveira ******

RESUMO: O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo o DSM-5, é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades na interação social, na comunicação e presença de comportamentos repetitivos e restritos. Isto posto, este trabalho propôs-se a apresentar de que maneira o diagnóstico tardio do TEA impacta o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, bem como discutir como desigualdades de gênero, classe e raça influenciam o acesso ao diagnóstico. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa, a partir de uma revisão integrativa de artigos publicados em português, espanhol e inglês, disponíveis na íntegra nas bases LILACS, PubMed e SciELO. Foram utilizados os descritores “transtorno do espectro autista”, “diagnóstico tardio” e “saúde mental” ou “transtorno autista”, “impacto psicossocial” e “determinantes sociais da saúde”, sendo selecionados e analisados 12 estudos. Os resultados ressaltaram que o diagnóstico tardio gera consequências significativas para os indivíduos. Evidencia-se ainda que populações de grupos minorizados vivenciam maiores dificuldades no acesso aos serviços de saúde, frequentemente sendo invisibilizadas ou diagnosticadas de forma errônea. Em vista disso, destaca-se a importância de repensar os critérios diagnósticos e os métodos utilizados, que não levam em consideração as especificidades sociais e culturais de forma plena.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Diagnóstico Tardio. Saúde Mental.

LATE DIAGNOSIS OF AUTISM SPECTRUM DISORDER: PSYCHOSOCIAL REPERCUSSIONS AND INEQUALITIES IN ACCESS TO MENTAL HEALTH

ABSTRACT: According to the DSM-5, Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder characterized by difficulties in social interaction, communication, and the presence of repetitive and restricted behaviors. Therefore, this study aimed to present how late diagnosis of ASD impacts the psychosocial development of individuals, as well as to discuss how gender, class, and racial inequalities influence access to diagnosis. Methodologically, this is a qualitative research study, based on an integrative review of articles published in Portuguese, Spanish, and English, available in full in the SciELO, LILACS, and PubMed databases. The descriptors "autism spectrum disorder," "late diagnosis," and "mental health" or "autistic disorder," "psychosocial impact," and "social determinants of health" were used, and 12 studies were selected and analyzed. The results highlighted that late diagnosis generates significant consequences for individuals. It is also evident that populations from minority groups experience greater difficulties in accessing health services, frequently being made invisible or misdiagnosed. In view of this, it is important to rethink the diagnostic criteria and methods used, which do not fully take into account social and cultural specificities.

KEY-WORDS: Autism Spectrum Disorder. Late Diagnosis. Mental Health.

* Graduada em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: amandapsi@aluno.ufrb.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9703-6129>

** Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: gabrielaraujo1329@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5966-7394>

*** Graduada em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: hevillysantos4@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8048-5459>

**** Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Saúde pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: tayariele@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-8968-6581>

***** Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia. Docente Substituto na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: rafaelollian.psi@gmail.com; Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1537-1296>

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), conforme definido pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), constitui-se como uma condição do neurodesenvolvimento marcada por prejuízos persistentes na comunicação social, bem como pela presença de padrões comportamentais restritos e repetitivos (APA, 2014). Tais comportamentos, conforme evidenciado na literatura, frequentemente emergem como estratégias autorregulatórias diante de situações aversivas ou estressoras, visando à obtenção de conforto sensorial ou emocional. Um exemplo paradigmático é o *flapping* (movimento estereotipado de balançar as mãos), uma das manifestações mais reconhecidas no espectro (Caparroz; Soldera, 2022).

Historicamente, o autismo foi alvo de interpretações equivocadas e estigmatizantes. Apenas em 1980, a Organização Mundial da Saúde (OMS) revisou sua classificação, deixando de associá-lo à esquizofrenia infantil, um enquadramento que perpetuou concepções reducionistas por décadas. Atualmente, o TEA integra a Classificação Internacional de Doenças (CID-10: F84), sendo reconhecido como uma condição vinculada à saúde mental e a particularidades no desenvolvimento cerebral, as quais podem acarretar impactos significativos nos processos de aprendizagem (OMS, 1993).

Assim sendo, a heterogeneidade do TEA é um aspecto crítico: suas manifestações podem ocorrer de forma isolada ou em comorbidade com outros transtornos (e.g., deficiência intelectual, transtorno de ansiedade, transtorno depressivo), demandando, portanto, uma abordagem diagnóstica e interventiva multidisciplinar (Resende *et al.*, 2024; Romeu; Rossit, 2022). Como destacam Caparroz e Soldera (2022), a complexidade do quadro exige avaliações individualizadas, capazes de abarcar as singularidades de cada indivíduo dentro do espectro. Atualmente, reconhece-se uma heterogeneidade significativa em suas apresentações clínicas: enquanto alguns indivíduos demonstram prejuízos acentuados em áreas como comunicação e interação social, outros exibem habilidades cognitivas e linguísticas dentro da média ou até acima dela, frequentemente associados a condições como a Síndrome de Asperger (APA, 2014).

Nesse sentido, essa variabilidade consolidou o conceito dimensional do autismo como um *continuum*, no qual as necessidades de cada pessoa demandam níveis diferenciados de suporte, desde intervenções intensivas até estratégias pontuais de adaptação (OMS, 2021). Destaca-se que o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA) sofreu significativas reformulações com a publicação do DSM-5-TR (APA, 2022) e a adoção da CID-11, que consolidaram uma abordagem dimensional em substituição aos modelos categóricos anteriores. No DSM-5-TR, os critérios diagnósticos organizam-se em dois domínios centrais: 1) déficits persistentes na comunicação e interação social e 2) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Já a subclassificação por níveis de suporte permite uma avaliação mais individualizada: nível 1 (exigindo suporte) com dificuldades marcantes nas interações sociais, com prejuízos na reciprocidade emocional; nível 2 (exigindo suporte substancial) sendo além dos déficits sociais, evidencia-se rigidez cognitiva, hiperfoco e respostas inflexíveis a mudanças; e nível 3 (exigindo suporte muito substancial) com o comprometimento severo

da comunicação verbal e não verbal, respostas sociais mínimas e comportamentos estereotipados (e.g., movimentos repetitivos, autoestimulação ou autoagressão) (APA, 2022). Indivíduos neste nível frequentemente apresentam elevada angústia frente a transições de atividades (Almeida, 2021).

Diante do descrito, a identificação precoce do transtorno do espectro autista (TEA) atua como um fator protetivo frente a uma série de desfechos adversos na vida adulta. Entre essas complicações, destacam-se o alcoolismo, o abuso de substâncias psicoativas, episódios depressivos, o transtorno bipolar, o aumento das taxas de encarceramento entre indivíduos autistas, os transtornos alimentares, a exclusão social e as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Esse último aspecto, a dificuldade para obter e manter um emprego, frequentemente leva o paciente a adotar estratégias de camuflagem (*masking*) de seus próprios sintomas autísticos, o que, paradoxalmente, acaba por dificultar ainda mais um diagnóstico preciso e oportuno (Carvalho; Lima, 2025).

Por sua vez, cabe salientar que a identificação precoce de sinais do TEA, inclusive em estágios iniciais do desenvolvimento, tem se mostrado essencial para intervenções efetivas. Entre os marcadores observáveis já nos primeiros meses de vida, destaca-se a ausência de contato visual durante situações de interação diádica, como a amamentação (Jones; Klin, 2013). Dessa maneira, o diagnóstico precoce desempenha um papel fundamental, uma vez que potencializa as possibilidades de um desenvolvimento neurotípico mais harmonioso e adaptativo.

A triagem universal aos 18 e 24 meses é fundamental para possibilitar diagnósticos precoces, permitindo intervenções comportamentais intensivas precoces que podem atenuar os impactos do TEA e melhorar o desenvolvimento das crianças. Assim, a detecção antecipada é vital para a eficácia das intervenções e para a minimização dos déficits associados ao transtorno (Lima *et al.*, 2023).

Em contraste, a identificação tardia do Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode implicar em consequências adversas significativas, comprometendo áreas críticas do funcionamento biopsicossocial dos indivíduos (Nalin *et al.*, 2022). Assim sendo, o diagnóstico do TEA na vida adulta enfrenta o desafio adicional de ser diferenciado não apenas dos transtornos de personalidade, mas também de outras condições psiquiátricas, sobretudo em virtude do elevado índice de comorbidade entre o TEA e diversos transtornos psiquiátricos que se manifestam ou persistem na idade adulta. Especialistas na área apontam que adultos que não receberam o diagnóstico na infância são frequentemente encontrados em contextos clínicos de vulnerabilidade, como quadros de depressão ou uso indevido de substâncias psicoativas, evidência que reforça os profundos impactos negativos na vida do paciente decorrentes da ausência de reconhecimento precoce de sua própria condição neurodesenvolvimental (Macías-Bedoya *et al.*, 2023; French *et al.*, 2023). Nesse contexto, os determinantes sociais da saúde emergem como variáveis decisivas para a demora no processo diagnóstico (CNDSS, 2010). Fatores como raça, gênero e estratificação socioeconômica frequentemente predispõem os sujeitos a vieses estereotipados e disparidades sistêmicas,

os quais não apenas distorcem a percepção clínica dos sintomas, mas também limitam o acesso a serviços especializados e profissionais qualificados para uma avaliação precisa e oportuna (Maenner *et al.*, 2020).

Por sua vez, desde 2012, o TEA é reconhecido legalmente como deficiência no Brasil, garantindo acesso a políticas de inclusão laboral. No entanto, essa equiparação também pode reforçar estigmas capacitistas, dificultando tanto a inserção quanto a permanência de pessoas com autismo no ambiente profissional (Casagrande, Galante; Silva, 2024). Contudo, os avanços nas pesquisas em psicologia e neurociências permitiram uma compreensão mais ampla das nuances das manifestações do TEA.

A partir desta constatação e diante do descrito, o presente trabalho, realizado a partir de uma revisão integrativa da literatura, tem como objetivo apresentar de que maneira o diagnóstico tardio do TEA impacta o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, bem como discutir como desigualdades de gênero, classe e raça influenciam o acesso ao diagnóstico quanto ao cuidado apropriado.

Dessa forma, entende-se que um estudo de revisão bibliográfica sobre essa temática é de extrema relevância para identificar o grau de discussão sobre o tema na literatura acadêmica, bem como para apontar possíveis lacunas. Além disso, a pesquisa pretende contribuir para uma compreensão mais ampla das problemáticas relacionadas ao diagnóstico tardio do TEA, servindo como subsídio para a formação de profissionais de saúde e para o desenvolvimento de novas metodologias diagnósticas.

Metodologia

A abordagem adotada neste trabalho é a de uma pesquisa de abordagem qualitativa (Gerhardt; Silveira, 2009), com caráter descritivo e exploratório, a partir de uma revisão integrativa da literatura (Botelho; Cunha; Macedo, 2011). Conforme delineado por Souza; Silva e Carvalho (2010), a revisão integrativa estrutura-se em etapas metodológicas rigorosas, que incluem: (1) identificação do tema e formulação da questão de pesquisa; (2) definição dos critérios de elegibilidade; (3) busca sistemática nas bases de dados; (4) avaliação crítica dos estudos selecionados; (5) categorização das evidências; e (6) síntese e interpretação dos resultados, culminando na apresentação dos dados conforme o modelo da revisão integrativa. A partir desse referencial, elaborou-se a seguinte questão norteadora: De que forma o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA) impacta o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, e como as desigualdades de gênero, classe e raça influenciam o acesso ao diagnóstico precoce?

O processo metodológico adotado nesta pesquisa foi estruturado em estrito acordo com as recomendações das diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA), conforme enfatizado por Moher *et al.*, (2009), Page *et al.*, (2021), Galvão, Tiguman e Sarkis-Onofre (2022) e Haddaway *et al.*, (2022). Por conseguinte, a pesquisa foi iniciada com a consulta aos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), por meio da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e ao *Medical Subject Headings* (MeSH) da *U.S. National Library of Medicine*, com o objetivo de identificar os descritores padronizados em português, espanhol e inglês. Os descritores controlados selecionados foram:

“transtorno do espectro autista/trastorno del espectro autista/autism spectrum disorder”, “diagnóstico tardio/diagnóstico tardío/delayed diagnosis” e “saúde mental/salud mental/mental health” ou “transtorno autista/trastorno autista/autistic disorder”, “impacto psicossocial/impacto psicossocial/psychosocial impact” e “determinantes sociais da saúde/determinantes sociales de la salud/social determinants of health”.

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos completos, disponíveis em formato eletrônico, nos idiomas português, espanhol ou inglês, cujos resultados abordassem o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista (TEA), com ênfase em suas repercussões psicossociais e nas disparidades no acesso à saúde mental. A avaliação dos estudos considerou parâmetros como qualidade metodológica, fundamentação teórica e relevância para a temática proposta. Excluíram-se editoriais, cartas ao editor, dissertações, teses, relatos de experiência e estudos exclusivamente reflexivos. O recorte temporal privilegiou publicações entre 2020 e 2025, visando a atualidade das evidências.

Isto posto, de maneira ordenada, a busca e a análise das produções científicas foram conduzidas em duas etapas, no período compreendido entre janeiro e junho de 2025. A primeira etapa consistiu na realização de uma busca avançada nas bases de dados, com detalhamento do quantitativo de artigos localizados, seguida do processo de seleção, identificação, triagem e elegibilidade dos estudos que atenderam aos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Essa fase incluiu ainda a leitura prévia de todos os títulos e resumos (*abstracts*) disponíveis, sendo selecionados 12 artigos que atenderam integralmente aos critérios pré-estabelecidos.

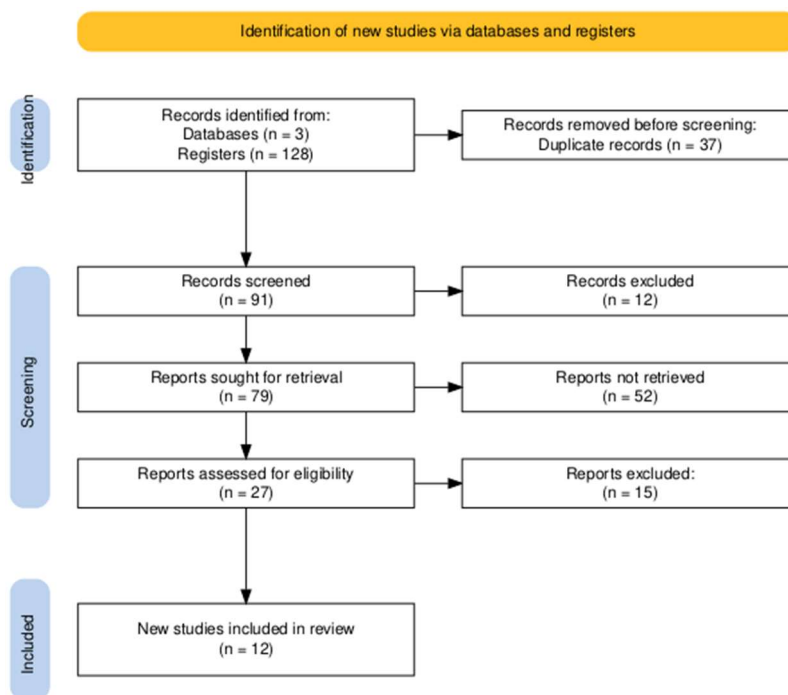
Na sequência, a segunda etapa envolveu a leitura integral dos artigos selecionados, o preenchimento do fluxograma apresentado na Figura 1 e a aplicação de um instrumento de coleta que registrou as seguintes informações: título, autor(es), periódico, país, ano de publicação, objetivos, metodologia e resultados de cada pesquisa. Tais dados são apresentados de forma sintetizada no Quadro 1, com base nas recomendações metodológicas do *Joanna Briggs Institute* para extração de dados (Peters *et al.*, 2015), cujos tópicos foram adaptados a fim de favorecer a compreensão do conteúdo e a subsequente análise, em conformidade com os objetivos do presente trabalho.

Cabe ainda destacar que o procedimento de deduplicação foi executado em um processo bipartido, assegurando o rigor metodológico na identificação e remoção de estudos redundantes. Nesse sentido, a primeira fase consistiu em um processo automatizado: o conjunto total de registros recuperados nas bases de dados selecionadas foi importado para o *software* Rayyan, uma plataforma que emprega algoritmos especializados para a comparação sistemática de múltiplos campos de metadados, incluindo título, autoria, ano de publicação e Identificador de Objeto Digital (DOI), permitindo assim uma triagem primária eficiente (Ouzzani *et al.*, 2016).

Posteriormente, implementou-se uma segunda fase de verificação manual, com o propósito de examinar a lista remanescente de títulos e autores, visando identificar e capturar eventuais duplicatas residuais que não tenham sido detectadas pelo algoritmo automatizado. Esses casos são frequentes

quando um mesmo estudo está indexado em diferentes bases de dados com pequenas variações em seus metadados. O critério adotado para a seleção do registro a ser mantido, em situações de duplicata, priorizou aquele que apresentasse o conjunto de informações mais completo e abrangente, considerando a presença de resumo, DOI, ano de publicação, título e autoria.

Figura 1: Fluxo do processo de seleção, identificação, triagem, elegibilidade e inclusão dos estudos na revisão.



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da pesquisa (2025), adaptado de PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*).

Resultados

Para compor esta revisão, foram selecionados 12 artigos científicos, publicados entre os anos de 2021 e 2025, originários de três contextos geográficos distintos: Argentina, Brasil e Portugal. A seleção dos estudos pautou-se em critérios rigorosos de relevância temática e profundidade analítica, assegurando a pertinência das fontes para a discussão proposta. Do total de pesquisas incluídas, a maioria (66,67%) foi conduzida no Brasil, refletindo uma predominância de produções acadêmicas nacionais no escopo investigado.

Metodologicamente, os trabalhos abrangeram um espectro diversificado de abordagens, contemplando revisões sistemáticas da literatura, estudos qualitativos e pesquisas descritivas de delineamento transversal. O Quadro 1 sintetiza o panorama geral das 12 publicações selecionadas, organizando-as conforme suas características essenciais. Para cada estudo, são apresentados: título, autoria, periódico de publicação, país de origem, idioma em que foi escrito, objetivos centrais e principais resultados alcançados. Assim sendo, essa categorização sistemática permite uma análise comparativa das

contribuições científicas incluídas nesta revisão, evidenciando tanto a diversidade metodológica quanto a convergência de achados relevantes para o tema investigado.

Quadro 1: Distribuição das referências incluídas na revisão integrativa, segundo as bases de dados: LILACS, PubMed e SciELO.

Título	Autoria	Periódico	País	Idioma	Ano	Objetivo	Resultados
Trastorno del espectro autista: lecciones aprendidas en los últimos 10 años de trabajo	Rodríguez <i>et al.</i> ,	Medicina Infantil	Argentina	Espanhol	2025	Evaluar los cambios en la perspectiva clínica para el diagnóstico y seguimiento de NNyA con TEA en los últimos 10 años.	Disminuyó la edad media de diagnóstico, y la relación varón/mujer en las cohortes sucesivas. Los indicadores socioeconómicos, la frecuencia de antecedentes familiares de trastornos del desarrollo y la prematurez se mantuvieron similares, mientras se detectó un aumento en las condiciones médicas asociadas en la última cohorte. Se modificó la frecuencia de uso de herramientas diagnósticas complementarias. La escolaridad común con apoyos fue el formato más frecuente en los tres períodos.
Transtorno do Espectro Autista relato de mulheres que vivenciaram um diagnóstico tardio	Scalcon <i>et al.</i> ,	Distúrbios Da Comunicação	Brasil	Português	2024	Detalhar o processo diagnóstico tardio de TEA em mulheres, considerando se o sexo teve impacto nesse processo e quais foram as mudanças na vida após receberem o diagnóstico.	As mulheres entrevistadas tinham idade entre 20 e 33 anos. Todas relataram que o diagnóstico foi corroborado por um médico e testes neuropsicológicos.
Os desafios para a intervenção precoce e seus efeitos no prognóstico do transtorno do espectro autista: uma	Pires <i>et al.</i> ,	Dementia & Neuropsyc hologia	Brasil	Inglês	2024	Estabelecer quais são os desafios ainda presentes na implementação efetiva da intervenção precoce (IP) e quais são os seus efeitos no	Os desafios para a intervenção precoce e seus efeitos no prognóstico do transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática estudos foram incluídos, sendo dois randomizados e 14

revisão sistemática						prognóstico do TEA.	não randomizados. O conhecimento sobre os sinais do TEA, os métodos diagnósticos e terapêuticos, a idade de início de tratamento e os fatores socioeconômicos foram os principais desafios encontrados na implementação da IP.
Factores asociados al diagnóstico tardío del Trastorno del Espectro Autista / Factors associated with delayed diagnosis of Autism Spectrum Disorder	Russo <i>et al.</i> ,	Medicina Infantil	Argentina	Espanhol	2023	Reflexionar sobre los determinantes del diagnóstico tardío del TEA con el fin de proponer posibles soluciones a esta problemática.	El diagnóstico tardío del TEA es una problemática compleja y multifactorial, que implica desafíos significativos en el desarrollo de los NNyA con esta condición, sus familias y su entorno. Es importante considerar las causas que demoran el diagnóstico, desde el ámbito clínico, familiar y socio-ambiental para poder intervenir oportunamente (AU)
Género femenino y autismo: infra detección y mis diagnósticos.	Hervás, Amaia	Medicina (Buenos Aires)	Argentina	Espanhol	2022	Analizar la presentación clínica del autismo en niñas y mujeres, factores relacionados con su infra detección y diagnóstico o confusión diagnóstica y mecanismos de mejora en su diagnóstico e intervención	El autismo en el género femenino presenta características clínicas, cognitivas y biológicas diferenciales asociadas a una infra detección y diagnóstico tardío.
Impactos do diagnóstico tardio no desenvolvimento cognitivo e psicossocial em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Abrantes <i>et al.</i> ,	Brazilian Journal of Health Review	Brasil	Português	2024	Relatar os impactos do diagnóstico precoce e tardio no desenvolvimento cognitivo e psicossocial em pacientes com TEA.	Através de uma análise descritiva simples foram analisados os questionamentos onde foi observado prevalência no sexo masculino e diagnóstico entre os 3 e 7 anos de idade. Quanto às

							características sociais, o contexto mais afetado foi o convívio social e familiar. No cognitivo, o maior impacto foi na alfabetização e, conseqüentemente, na atenção, concentração e articulação das palavras.
O impacto do diagnóstico tardio de TEA em adultos: Desafios clínicos e Implicações para o tratamento	Santos <i>et al.</i> ,	Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences	Brasil	Português	2024	Realizar uma varredura da literatura médica vigente sobre o Diagnóstico Tardio de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) em Adultos, visando na melhora da qualidade de vida dos pacientes adultos e na identificação de sinais clínicos, nas quais geram dificuldades sociais, comunicativas e comportamentais que esses enfrentam	Conclui-se que o diagnóstico em adultos é desafiador devido muitos já desenvolveram estratégias compensatórias, nas quais surgem novas abordagens para o tratamento com adaptações personalizadas, voltadas para melhorar a qualidade de vida, promover inclusão social e tratar comorbidades como depressão e ansiedade, sempre ajustando às necessidades específicas da fase adulta
Percepção de um indivíduo com diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista (TEA) - sobre ingresso e permanência no trabalho	Casagrande <i>et al.</i> ,	Cuadernos De Educación Y Desarrollo	Portugal	Português	2024	Descrever e analisar a trajetória de uma pessoa com diagnóstico tardio de TEA no mercado de trabalho, considerando o ingresso e permanência.	Os principais problemas elencados foram obstáculos na formação em ensino superior, na permanência no mercado de trabalho e a falta de conhecimento e de preparo desses espaços laborais para receber um profissional enquadrado no espectro autista. Importantes barreiras físicas e atitudinais fazem parte da trajetória de pessoas com TEA, com ações capacitista da

							sociedade em geral, da família e particularmente investigado no presente estudo, das empresas. O desconhecimento das potencialidades e a visão desacreditada da pessoa com TEA resultam em obstáculos para o ingresso e mesmo para que estes permaneçam no trabalho.
A influência do diagnóstico tardio no desenvolvimento em adultos com transtorno do espectro autista	Duarte <i>et al.</i> ,	Revista Contemporânea	Brasil	Português	2024	Investigar as implicações do diagnóstico tardio e sua influência nas relações sociais, emocionais e econômicas dos indivíduos.	Os resultados revelam que o diagnóstico tardio de TEA está frequentemente associado a prejuízos sociais, como dificuldades em formar relacionamentos, e funcionais, como instabilidade profissional, além de gerar desafios na integração social.
Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos	Nalin <i>et al.</i> ,	Research, Society and Development	Brasil	Português	2022	Compreender e analisar os motivos que levam ao diagnóstico tardio do TEA e quais são os impactos funcionais e psicossociais ocasionados aos pacientes adultos que recebem esse diagnóstico.	A partir dos 12 estudos selecionados nota-se que, por ser associado à infância, existem poucas pesquisas sobre o TEA direcionadas à população adulta. Assim, muitas pessoas passam grande parte da vida com os sintomas do transtorno, mas sem receber o diagnóstico. Isso desencadeia prejuízos e impossibilita o indivíduo de buscar intervenções para melhoria de sua qualidade de vida
Transtorno do espectro autista: impactos do diagnóstico e suas repercussões no contexto das relações familiares	Caparroz; Soldera	Open Minds International Journal	Brasil	Português	2022	Abordar o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e os seus impactos sobre a vida familiar, compreender e analisar suas consequências	[...] o Transtorno do Espectro Autista causa na família em seu diagnóstico diversos impactos, sendo que os mais comuns são fatores ligados a angústias, negação e luto nos familiares que com o tempo irão

						para a vida dos familiares que têm o diagnóstico do transtorno e como se dá a percepção destes após a designação de um diagnóstico.	conformar a situação. O transtorno traz consequências de estresse para a família e principalmente para a mãe da criança diagnosticada com TEA. As considerações finais tratam da importância do acompanhamento da família e do paciente em conjunto para reorganização familiar no contexto do diagnóstico e da vivência com TEA.
Políticas Públicas, Vulnerabilidade e Social E Seus Efeitos Na Saúde Mental Da População Negra Em Um Município Do Recôncavo Da Bahia.	Santos	Caboclo	Brasil	Português	2021	Perceber se há relação entre o empobrecimento e sofrimento psíquico da população feminina e negra, maioria da população atendida, bem como se estes determinantes sociais associados ao racismo e ao machismo produzem efeito ainda mais deletérios neste mesmo grupo populacional.	a maior parte das demandantes do CRAS são mulheres negras que se tornaram mais pobres nos últimos três anos e que foram mais encaminhadas para o CAPS da cidade, o que demonstra maior sofrimento psíquico vivenciado neste período

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados da pesquisa (2025).

Discussão

O diagnóstico tardio é definido como aquele que ocorre após os 6 anos de idade, período que coincide com o término da escolarização primária. Embora essa delimitação temporal possa parecer arbitrária, ela visa generalizar casos que perderam oportunidades críticas de intervenção, destacando a importância da identificação precoce para mitigar prejuízos no desenvolvimento (Russo; Rodriguez; Cafiero, 2023).

Observa-se que apesar dos critérios clínicos bem estabelecidos para o TEA, não há um marcador biológico definitivo para o referido transtorno, o que reforça a sua natureza multifatorial e heterogênea (Russo; Rodriguez; Cafiero, 2023). Como destacam Pires; Grattão e Gomes (2024), essa variabilidade decorre de uma confluência de fatores, incluindo: mutações genéticas poligênicas, condições clínicas

associadas (e.g., epilepsia, distúrbios do sono), alterações neuroanatômicas (observadas em estudos *post-mortem*) e variáveis sociodemográficas, como o sexo biológico.

Os mesmos autores ressaltam o aumento exponencial de diagnósticos na última década, com predomínio no sexo masculino e alta comorbidade com outros transtornos do neurodesenvolvimento ou psiquiátricos (e.g., TDAH, ansiedade) (Pires; Grattão; Gomes, 2024). Essa disparidade de gênero foi corroborada por Abrantes *et al.*, (2024) em um estudo realizado em João Pessoa (PB), abrangendo o Centro de Atendimento ao Autista (CAA) e a Fundação Centro Integrado à Pessoa com Deficiência (FUNAD). Mediante a aplicação de um questionário semiestruturado (16 itens avaliando traços sociais e cognitivos), constatou-se que 76,2% dos casos diagnosticados eram do sexo masculino, reforçando a necessidade de investigar possíveis vieses diagnósticos ou fatores neurobiológicos subjacentes.

O diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na população adulta, com ênfase particular nas mulheres, apresenta-se frequentemente de forma tardia, o que evidencia complexidades associadas às diferenças de gênero no reconhecimento clínico. No caso das mulheres autistas, o diagnóstico tende a ocorrer ainda mais tardiamente, em razão da manifestação sintomática mais sutil e do emprego recorrente de estratégias de camuflagem social, um esforço consciente ou inconsciente para mimetizar comportamentos neurotípicos e ocultar traços autistas (Santos *et al.*, 2024). Consequentemente, o diagnóstico em adultos torna-se particularmente desafiador, uma vez que muitos desses indivíduos já desenvolveram, ao longo da vida, mecanismos compensatórios que atenuam a percepção direta dos critérios diagnósticos clássicos (Nunes *et al.*, 2024).

Quanto ao repertório sintomático do TEA, este costuma ser identificado entre 12 e 24 meses de idade, período crítico para a observação de atrasos no desenvolvimento sociocomunicativo. No entanto, casos mais graves podem manifestar sinais antes dos 12 meses, enquanto apresentações mais sutis podem passar despercebidas até após os 24 meses (Nalin *et al.*, 2022). Essa variabilidade na detecção inicial reflete a heterogeneidade clínica do transtorno, influenciando diretamente a janela diagnóstica. Dados epidemiológicos reforçam essa tendência. No estudo de Abrantes *et al.*, (2024), a distribuição etária dos diagnósticos na amostra analisada revelou: 84,1% entre 3 e 7 anos; 7,9% entre 8 e 9 anos; 3,2% entre 10 e 12 anos; 4,8% após 12 anos. Esses achados corroboram pesquisas recentes que apontam para a concentração de diagnósticos na primeira infância, com casos tardios ocorrendo predominantemente após os 4 anos (Shaw *et al.*, 2021). Tal padrão sugere que, embora os sintomas nucleares do TEA surjam precocemente, barreiras no reconhecimento clínico (e.g., traços leves, acesso limitado a serviços especializados) podem postergar a confirmação diagnóstica.

Dessa maneira, o diagnóstico tardio configura uma questão crítica para adultos com TEA, os quais enfrentam dificuldades singulares relacionadas tanto ao reconhecimento formal de sua condição quanto à sua própria aceitação psicológica e social (Santos *et al.*, 2024). Entre os principais obstáculos, destacam-se a subnotificação de casos de TEA, as barreiras de acesso a profissionais devidamente capacitados, a disseminação generalizada de informações equivocadas sobre o espectro e, não menos

importante, o capacitismo estrutural, ou seja, o preconceito direcionado a pessoas com deficiência, que essas pessoas precisarão suportar ao longo de suas trajetórias. Conforme apontam relatos e percepções da própria comunidade autista, apenas em raras circunstâncias um diagnóstico obtido na vida adulta é devidamente validado, aceito e respeitado pelos serviços de saúde, pelas instituições e pela sociedade em geral (Scalcon *et al.*, 2024; Loureiro, 2024).

Por conseguinte, embora o Transtorno do Espectro Autista (TEA) seja tradicionalmente associado à infância, seu diagnóstico em adultos permanece frequentemente negligenciado, resultando na invisibilização dessa população e na escassez de discussões sobre suas necessidades específicas. Dessa maneira, esse atraso diagnóstico pode ser atribuído a múltiplos fatores, incluindo: falta de informação entre cuidadores e profissionais, limitado conhecimento sobre a diversidade sintomatológica do TEA, sobreposição com outros transtornos psiquiátricos ou do neurodesenvolvimento e barreiras no acesso a avaliações especializadas (Augusto *et al.*, 2025; Nalin *et al.*, 2022).

Além disso, evidencia-se que adultos com TEA não diagnosticados na infância frequentemente enfrentam dificuldades significativas em reconhecer e gerenciar situações fora de seu repertório comportamental, levando a uma autopercepção negativa e fragilizada, sendo assim, esses indivíduos vivenciam um conflito interno constante entre: aceitar sua identidade autista e atender às demandas sociais e expectativas de gênero (Casagrande; Galante; Silva, 2024; Duarte *et al.*, 2024). Ademais, a camuflagem social, estratégia de mascaramento de traços autistas para se adequar a contextos neurotípicos, é comum nessa população, o que tende a acarretar elevado desgaste emocional, aumentando o risco de comorbidades psiquiátricas, como: transtornos de ansiedade, depressão e transtornos alimentares (Lima *et al.*, 2023).

Diante desse cenário, protocolos de rastreamento e avaliação têm sido aprimorados para antecipar a identificação do TEA, uma vez que a detecção rápida viabiliza a Intervenção Precoce (IP), fator determinante para minimizar prejuízos secundários e otimizar o desenvolvimento (Russo; Rodriguez; Cafiero, 2023). Como destacam Fiúsa e Azevedo (2023), um diagnóstico precoce permite: intervenções comportamentais individualizadas (e.g., Análise do Comportamento Aplicada e Terapia de Desenvolvimento Relacional), estimulação direcionada de habilidades sociais, linguísticas e adaptativas e a redução de comorbidades associadas (e.g., ansiedade, dificuldades de aprendizagem). Em contraste, o diagnóstico tardio está associado a piores desfechos, já que a ausência de suportes especializados nos primeiros anos, período de maior plasticidade neural, pode acentuar déficits funcionais e limitar a eficácia terapêutica em fases posteriores (Tonial; Huning; Pinculini, 2023; Lima *et al.*, 2023).

Na perspectiva de Dimenstein *et al.*, (2017), os espaços ocupados pela população exercem influência decisiva na qualidade de vida, estabelecendo uma relação intrínseca entre o processo saúde-doença e as condições socioeconômicas, como renda, escolaridade e acesso a serviços de saúde, com repercussões diretas na saúde mental dos indivíduos (Santos, 2021). No que concerne ao Transtorno do Espectro Autista, Hervás (2022) destaca a existência de diferenças clínicas associadas ao gênero,

apontando que, no espectro feminino, tais particularidades frequentemente resultam em diagnósticos tardios ou subnotificação. A autora enfatiza que a camuflagem de sintomas, estratégia mais comum em meninas e mulheres com TEA, consiste na supressão de traços autísticos para adequação social, o que, paradoxalmente, pode agravar comorbidades psíquicas devido ao esforço adaptativo contínuo.

Entretanto, Scalcon; Cordeiro e Galli (2024) abordam essa questão com maior cautela, reconhecendo a controvérsia na literatura cognitivo-comportamental sobre o "mascaramento" de sintomas no gênero feminino. Os autores argumentam que mulheres com TEA demonstram maior propensão a desenvolver mecanismos de compensação social, como a simulação de habilidades interpessoais, dificultando a identificação do transtorno. Contudo, alertam para a complexidade dessa discussão, pois envolve a subjetividade do autocontrole comportamental, sugerindo que indivíduos cognitivamente aptos podem antecipar dificuldades de socialização e criar estratégias de dissimulação. Ademais, criticam a homogeneização dos critérios diagnósticos, que desconsideram variações de gênero na expressão sintomatológica, pressupondo erroneamente uma uniformidade entre homens e mulheres com TEA.

No espectro feminino, a desregulação emocional associada ao autismo frequentemente conduz a diagnósticos equivocados, como o Transtorno de Personalidade Borderline, uma vez que os instrumentos de avaliação atuais possuem baixa sensibilidade para captar as particularidades do TEA em meninas e mulheres (Hervás, 2022). Essas lacunas metodológicas e clínicas explicam, em parte, a histórica subnotificação do autismo no gênero feminino, perpetuando a falsa impressão de maior prevalência no sexo masculino. Russo *et al.*, (2023) contestam essa narrativa, afirmando que a discrepância diagnóstica pode refletir menos uma diferença real de incidência e mais falhas sistemáticas na identificação precoce de meninas, resultando em oportunidades perdidas para intervenções terapêuticas oportunas.

Diante desse cenário, torna-se imperativo adaptar as abordagens terapêuticas às especificidades do TEA no gênero feminino, considerando suas distintas manifestações sintomáticas. Mulheres e meninas autistas não apenas enfrentam obstáculos para obter diagnósticos precoces, mas também são submetidas a tratamentos inadequados com maior frequência (Hervás, 2022). Para reverter esse quadro, é essencial capacitar profissionais com perspectivas inclusivas, ampliando o conhecimento sobre as expressões atípicas do autismo em meninas, além de desenvolver instrumentos de avaliação sensíveis a essas nuances.

No entendimento de Russo *et al.*, (2023) acrescenta-se ainda que a pobreza está correlacionada com maior prevalência de condições do neurodesenvolvimento, especialmente em países de baixa renda, embora poucos estudos locais investiguem o impacto direto de variáveis socioeconômicas no atraso do diagnóstico do TEA. Fatores como ambientes pouco estimulantes, isolamento geográfico e barreiras linguísticas agravam esse panorama. A desinformação social sobre o TEA também contribui para a estigmatização, dilatando a busca por apoio especializado (Araujo *et al.*, 2023).

Ressalta-se que dados do censo britânico de 2017 revelam, por exemplo, maior prevalência de diagnósticos em populações negras comparadas a brancas, reflexo tanto da vulnerabilidade social quanto de políticas públicas direcionadas. No entanto, crianças de famílias migrantes, marginalizadas ou pertencentes a minorias étnicas enfrentam disparidades no acesso a serviços de saúde, recebendo diagnósticos incorretos (como Transtorno de Ajustamento ou de Conduta) antes da identificação do TEA (Abreu *et al.*, 2015). De acordo com Adapte (s.d.) o racismo é fator determinante quando se refere ao diagnóstico de autismo, pois afeta diretamente as crianças negras, do diagnóstico ao encaminhamento e prestação de serviços de saúde. Conforme Santos e Ottoni (2025), crianças negras têm 2,6 vezes mais chances de serem diagnosticadas erroneamente, realidade intimamente ligada à estratificação social desses grupos.

Por sua vez, a educação inclusiva, quando discutida no âmbito teórico e prático, frequentemente remete ao uso de tecnologias assistivas, dada a sua comprovada eficácia na ampliação da funcionalidade e autonomia de pessoas com deficiência (Bersch, 2017; Filho, 2009). No entanto, uma análise crítica desse cenário revela uma lacuna significativa: a invisibilização da diversidade racial no desenvolvimento e na aplicação desses recursos. Além da sub-representação de corpos e identidades negras nos materiais pedagógicos, observa-se uma carência de pesquisas que abordem as intersecções entre raça e autismo, especialmente no que diz respeito às experiências de crianças negras autistas (Collins; Bilge, 2020). Essa omissão não apenas reflete desigualdades estruturais, mas também perpetua disparidades no acesso a tecnologias assistivas, reforçando barreiras já existentes para essa população (Gomes, 2012; Hall, 2016).

Considerações Finais

Este trabalho buscou apresentar de que maneira o diagnóstico tardio do TEA impacta o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos, bem como discutir como desigualdades de gênero, classe e raça influenciam o acesso ao diagnóstico. A partir da revisão bibliográfica, foi possível observar que, embora o conhecimento médico sobre o TEA tenha avançado nas últimas décadas, ainda há obstáculos estruturais que impedem um diagnóstico precoce e eficaz para todos os grupos sociais.

De forma geral, os resultados evidenciam que o diagnóstico tardio gera consequências significativas para os indivíduos, afetando tanto sua qualidade de vida, quanto a forma como estão inseridos na sociedade. Além disso, observa-se que pessoas pertencentes a grupos minorizados, como mulheres, pessoas negras e de classes sociais mais baixas, passam maiores dificuldades no acesso aos serviços de saúde, muitas vezes sendo invisibilizadas ou diagnosticadas de forma errônea. Essa realidade expõe a importância de repensar os critérios diagnósticos e os métodos utilizados, que ainda hoje não levam em consideração as especificidades sociais e culturais de forma plena.

Um dos principais limites encontrados nesta pesquisa foi a escassez de estudos que aprofundem os recortes interseccionais sobre raça e classe de forma consistente. A maioria das produções analisadas ainda aborda o TEA de maneira generalizada, sem considerar como as estruturas sociais moldam o

processo diagnóstico e o acesso ao cuidado. Portanto, essa lacuna reforça a necessidade de mais investigações que articulem a condição do TEA com os marcadores sociais da diferença, reconhecendo que o autismo não se expressa nem é vivido da mesma forma por todos os indivíduos.

Dessa forma, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o olhar sobre as especificidades do diagnóstico em contextos de vulnerabilidade social, considerando fatores como raça, gênero, território e desigualdade de acesso à saúde. Ademais, destaca-se a importância de investir na formação de profissionais de saúde a partir de uma perspectiva mais inclusiva e sensível às diversidades, promovendo um diagnóstico mais justo, humanizado e acessível. O enfrentamento ao diagnóstico tardio do TEA passa, portanto, pela construção de políticas públicas igualitárias e pela valorização das diferenças que compõem o espectro autista em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Ester Emanuele; SILVA, Ana Karolina Alves Da; RAMALHO, Marianna Adijuto De Oliveira; *et al.* Impactos do diagnóstico tardio no desenvolvimento cognitivo e psicossocial em pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Brazilian Journal of Health Review**, v. 8, n. 1, p. e76776, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv8n1-161>. Acesso em: 15 de junho de 2025.
- ABREU, Pascale Engeu de; TOURINHO, Carlos; PUGLISI, Marina; NIKAEDO, Carolina; ABREU, Neander; MIRANDA, Mônica Carolina de; BEFI-LOPES, Débora; BUENO, Orlando; MARTIN, Romain. **A Pobreza e a Mente: Perspectiva da Ciência Cognitiva**. Walferdange, Luxembourg: The University of Luxembourg, 2015. Disponível em: https://cienciaparaeducacao.org/wp-content/uploads/2015/10/A-pobreza-e-a-mente_perspectiva-da-ciencia-cognitiva_DEVPOLUX.compressed.pdf. Acesso em: 24 julho de 2025.
- ADAPTE. **Autismo invisível**. (s.d.). Disponível em: <https://www.adapte.com.vc/blog/autismoinvisible>. Acesso em: 10 de junho de 2025.
- ALMEIDA, Fernanda Saraiva; GIORDANI, Jaqueline Portella; YATES, Denise Balem; *et al.* Avaliação de aspectos emocionais e comportamentais de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Aletheia**, v. 54, n. 1, p. 85–95, 2021. Disponível em: <https://doi.org/DOI10.29327/226091.54.1-9>. Acesso em 09 de julho de 2025.
- APA, American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V)**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- APA, Associação Psiquiátrica Americana. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (5ª ed., Texto Revisado)**. Artmed, 2022.
- ARAÚJO, Ana Gabriela Rocha; SILVA, Mônia Aparecida da; ZANON, Regina Basso. Autismo, Neurodiversidade e Estigma: Perspectivas Políticas e de Inclusão. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 27, p. e247367, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-247367>. Acesso em: 24 julho de 2025.
- AUGUSTO, Janaína Aparecida De Oliveira; CARAVIERI, Carolina Kulcsar; ARDUINI, Rodrigo Genaro; *et al.* Delayed diagnosis in children with autism spectrum disorder or intellectual

disability. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 19, p. e20240279, 2025. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-57642025000100419&tlng=en. Acesso em: 01 de maio de 2026.

BERSCH, Rita. **Introdução à tecnologia assistiva**. Porto Alegre: Assistiva/Tecnologia da Educação, 2017. 20 p. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1059>. Acesso em: 25 de julho de 2025.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida; MACEDO, Marcelo. O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais. **Gestão e Sociedade**, v. 5, n. 11, p. 121, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.21171/ges.v5i11.1220>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

CARVALHO, Ana Clara Vanini de; LIMA, Ramon Fraga de Souza. **Diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos: desafios e impactos na saúde do paciente**. In: *Psicologia e Saúde Mental: Perspectivas teóricas e práticas* 3. 1. ed. [s.l.]: Atena Editora, 2025, p. 7–18.

CNDSS, COMISSÃO PARA OS DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. **Redução das desigualdades no período de uma geração**. Igualdade na saúde através da ação sobre os seus determinantes sociais. Relatório Final da Comissão para os Determinantes Sociais da Saúde, 2010.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

CAPARROZ, Joelma; SOLDERA, Paulo Eduardo dos Santos. Transtorno do Espectro Autista: Impactos do Diagnóstico e suas Repercussões no Contexto das Relações Familiares. **Open Minds International Journal**, v. 3, n. 1, p. 33–44, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47180/omij.v3i1.142>. Acesso em: 18 de julho de 2025.

CASAGRANDE, Ingrid; GALANTE, Maria Eduarda Lobosque; SILVA, Nilson Rogério da. Percepção de um indivíduo com diagnóstico tardio de Transtorno do Espectro Autista (TEA) - sobre ingresso e permanência no trabalho. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2, p. e3420, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n2-068>. Acesso em: 18 de julho de 2025.

DIMENSTEIN, Magda; SIQUEIRA, Kamila; MACEDO, João Paulo; *et al.* Determinação social da saúde mental: contribuições à psicologia no cuidado territorial. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 69, n. 2, p. 72–87, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-52672017000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 01 de maio de 2026.

DUARTE, Luana Matos; RIBEIRO, Vitoria Eduarda de Lima; NAZARÉ, Wenderson Oliveira. A Influência do Diagnóstico Tardio no Desenvolvimento em Adultos com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Contemporânea**, v. 4, n. 11, p. e6555, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.56083/RCV4N11-069>. Acesso em: 18 de julho de 2025.

FILHO, Teófilo Alves Galvão. **Tecnologia assistiva para uma escola inclusiva: apropriação, demanda e perspectivas**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, 2009.

FIÚSA, Hugo Dorjó Silva; AZEVEDO, Christianne Terra de Oliveira. Transtorno do Espectro Autista: benefícios da intervenção precoce para o desenvolvimento cognitivo e adaptativo da criança. **Revista Eletrônica Acervo Médico**, v. 23, n. 5, p. e13078, 2023. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/medico/article/view/13078>. Acesso em: 25 de julho de 2025.

FRENCH, Blandine; DALEY, David; GROOM, Madeleine; *et al.* Risks Associated With Undiagnosed ADHD and/or Autism: a mixed-method systematic review. **Journal of Attention Disorders**, v. 27, n. 12, p. 1393–1410, 2023. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37341291>>. Acesso em: 17 de junho de 2026.

GALVÃO, Taís Freire; TIGUMAN, Gustavo Magno Baldin; SARKIS-ONOFRE, Rafael. A declaração PRISMA 2020 em português: recomendações atualizadas para o relato de revisões sistemáticas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 2, p. e2022364, 2022. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222022000200150&tlng=pt. Acesso em: 01 de maio de 2026.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. 1ª ed. Editora da UFRGS, 2009.

GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.1, pp. 98-109, 2012. Disponível em: <<https://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/gomes.htm>>. Acesso em: 17 de junho de 2026.

HADDAWAY, Neal R.; PAGE, Matthew J.; PRITCHARD, Chris C.; *et al.* PRISMA 2020: An R package and Shiny app for producing PRISMA 2020-compliant flow diagrams, with interactivity for optimised digital transparency and Open Synthesis. **Campbell Systematic Reviews**, v. 18, n. 2, p. e1230, 2022. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1002/cl2.1230>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. 260p.

HERVÁS, Amaia. Género femenino y autismo: infra detección y mis diagnósticos. **Medicina** (Buenos Aires), v. 82, p. 37–42, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0025-76802022000200037>. Acesso em: 25 de julho de 2025.

JONES, Warren; KLIN, Ami. Attention to eyes is present but in decline in 2-6-month-old infants later diagnosed with autism. **Nature**, v. 504, n. 7480, p. 427–431, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24196715/>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

LIMA, Leilane Júlia Chaves de; BRITTO, Denise Brandão de Oliveira e; DIAS, Rafael Teixeira Scoralick; *et al.* Fatores relacionados à funcionalidade da comunicação social em crianças com transtorno do espectro do autismo: estudo preliminar. **Audiology - Communication Research**, v. 28, p. e2754, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-6431-2022-2754pt>. Acesso em: 24 julho de 2025.

LOUREIRO, Jullie Soares. Autismo em mulheres: por que o diagnóstico é tão difícil? **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 11, p. 4009–4021, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/4506>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

MACÍAS-BEDOYA, Diego; MARTÍN-BORREGUERO, Pilar; MUÑOZ-SÁNCHEZ, José Manuel; *et al.* Perfil de personalidad en el trastorno del espectro autista mediante el Inventario Multifásico de Personalidad de Minnesota. **Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría**, v. 43, n. 143, p. 197–216, 2023. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0211-57352023000100011&lng=es&nrm=iso&tlng=es. Acesso em: 01 de maio de 2026.

MAENNER, Matthew J. Prevalence and Characteristics of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years. Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2020. **MMWR. Surveillance Summaries**, v. 72, 2023. Acesso em: 07 de julho de 2025.

MOHER, David; LIBERATI, Alessandro; TETZLAFF, Jennifer; et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **PLoS medicine**, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19621072/>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

NALIN, Luísa Macedo; MATOS, Bruna Alves de; VIEIRA, Gabrielly Gonçalves; et al. Impactos do diagnóstico tardio do transtorno do espectro autista em adultos. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 16, p. e382111638175–e382111638175, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/38175>. Acesso em: 07 de julho de 2025.

NUNES, Maisa Bastos; ARAUJO, Charlene dos Santos; NUNES, Maisa Bastos; et al. Saúde mental de autistas adultas de diagnóstico tardio: um relato de experiência de uma psicóloga autista e uma professora autista. **Mental**, v. 17, n. 31, 2025. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-44272025000100007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 01 de maio de 2026.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Porto Alegre: Artmed, 1993.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **ICD-11 Application Programming Interface (API)**. Genebra: OMS, 2021. Disponível em: <https://icd.who.int/icdapi>. Acesso em: 17 de junho de 2025.

OUZZANI, Mourad; HAMMADY, Hossam; FEDOROWICZ, Zbys; et al. Rayyan-a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, v. 5, n. 1, p. 210, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27919275/>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

PAGE, Matthew J; MCKENZIE, Joanne E; BOSSUYT, Patrick M; et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, p. n71, 2021. Disponível em: <https://www.bmj.com/lookup/doi/10.1136/bmj.n71>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

PETERS, Micah D. J.; GODFREY, Christina M.; MCINERNEY, Patricia; et al. **The Joanna Briggs Institute reviewers' manual 2015: methodology for JBI scoping reviews**. Adelaide: The Joanna Briggs Institute, 2015. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002775594>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

PIRES, Jackson Frederico; GRATIÃO, Caroline Cajuela; GOMES, Regiane Maria Ribeiro. The challenges for early intervention and its effects on the prognosis of autism spectrum disorder: a systematic review. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 18, p. e20230034, 2024. Acesso em: 15 de junho de 2025.

RESENDE, Samilly Danielly de; CAMPOS, Sonia Maria de; RESENDE, Samilly Danielly de; et al. Transtorno do Espectro Autista: Diagnóstico e intervenção psicopedagógica clínica. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 125, p. 350–365, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20240034>. Acesso em: 10 de julho de 2025.

RODRÍGUEZ, Luiz S., RUSSO, Fernando Martin; CAFIERO, Pablo; et al. Trastorno del Espectro Autista: lecciones aprendidas en los últimos 10 años de trabajo. **Medicina Infantil**, 2025. Disponível em: <https://www.medicinainfantil.org.ar/index.php/2025-volumen-xxxii/numero-1/659-trastorno->

del-espectro-autista-lecciones-aprendidas-en-los-ultimos-10-anos-de-trabajo. Acesso em: 15 de junho de 2025

ROMEU, Clariana Andrioli; ROSSIT, Rosana Ap. Salvador. Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 28, p. e0114, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-54702022v28e0114>. Acesso em: 10 de julho de 2025.

RUSSO, Fernando Martin; RODRÍGUEZ, Estela; CAFIERO, Pablo. Factores asociados al diagnóstico tardío del Trastorno del Espectro Autista. **Med. infant**, p. 373–381, 2023. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1524219>>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

SANTOS, Mariana Silva dos. **Políticas públicas, vulnerabilidade social e seus efeitos na saúde mental da população negra em um município do Recôncavo da Bahia**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia, Avaliação e Atenção à Saúde), Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Antônio de Jesus, Bahia, 2021.

SANTOS, Fernanda Rodrigues dos., OTTONI, Rúbia Côrrea. O Uso das Tecnologias Assistivas na Alfabetização de Crianças Negras com Transtorno do Espectro Autista: Caminhos para uma Educação Inclusiva e Antirracista. Dossiê II Alfabetização, Letramento e Educação Especial: Perspectivas da Inclusão na Diversidade Cultural. **Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPPFIP**, v. 1, n. 17, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/deaint/article/view/22754>>. Acesso em: 17 de junho de 2026.

SANTOS, Luiz Henrique; LIMA, Alessandra Camile de Farias; MORAIS, Alison Gessinger Guedes; *et al.* O impacto do diagnóstico tardio de TEA em adultos: Desafios clínicos e Implicações para o tratamento. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 9, p. 3260–3269, 2024. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/3622>. Acesso em: 01 de maio de 2026.

SCALCON, Alana Zonfrilli; CORDEIRO, Michelly Daiane de Souza Gaspar; GALLI, Juliana Marcolino. Transtorno do Espectro Autista: relato de mulheres que vivenciaram um diagnóstico tardio. **Distúrbios da Comunicação**, v. 36, n. 3, p. e67520–e67520, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.23925/2176-2724.2024v36i3e67520>. Acesso em: 15 de junho de 2025.

SHAW, Kelly A.; MAENNER, Matthew J.; BAKIAN, Amanda V.; *et al.* Early Identification of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 4 Years - Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2018. **Morbidity and Mortality Weekly Report. Surveillance Summaries** (Washington, D.C.: 2002), v. 70, n. 10, p. 1–14, 2021. Disponível em: [10.15585/mmwr.ss7010a1](https://doi.org/10.15585/mmwr.ss7010a1). Acesso em: 09 de julho de 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Integrative review: what is it? How to do it? **Einstein** (São Paulo), v. 8, n. 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 03 de julho de 2025.

TONIAL, Ana Cláudia; HUNING, Julia; PINCULINI, Ana Paula Gonçalves. Desfechos clínicos associados ao diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista: um relato de caso. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, v. 16, n. 11, p. 26549–26559, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.11-107>. Acesso em: 24 de julho de 2025.

*Recebido em: 25 de julho de 2025.
Aprovado em: 10 de maio de 2026.*